

Performance, sons e imagens: intervenções corpóreas

Eduardo Nespoli

A aldeia

Em Setembro de 2007 fui a aldeia Asuriní para realizar minha pesquisa de doutorado sobre o ritual xamanístico *maraká*. Os Asuriní do Xingu realizam o ritual *maraká* num espaço especialmente preparado para este fim. Este espaço, denominado de *tukaia* é demarcado e composto por diversos objetos, que são confeccionado especialmente para a realização do evento. É por meio destes objetos e da ação ritual que os espíritos são trazidos ao mundo dos Asuriní, permanecendo naquele espaço durante todo o processo ritual.

Cheguei a aldeia Asuriní, na terra indígena *Koatinemo*, no dia 7 de Setembro de 2007 e permaneci até o dia 22 do mesmo mês. Nesta ocasião, levei aos Asuriní algumas fotografias e gravações de áudio registradas nos anos de 1978, 1979, 1982 e 1995¹. São imagens de objetos e instrumentos musicais utilizados no ritual *maraká*. Acreditava que estas imagens facilitariam o início de minha pesquisa de campo acerca do ritual *maraká*.

Levei a aldeia cerca de 16 fotografias, dentre as quais destaco duas, pois foram de fundamental importância em minha pesquisa. Refiro-me especificamente a duas fotografias, cuja repercussão acredito ter desencadeado a realização do ritual *maraká* que presenciei durante o período que estive na aldeia. Estas duas imagens² são: 1) Imagem do *javaraiká*, que é um objeto ritual que compõe a *tukaia* para o ritual realizado para o espírito *Apykwara*; 2) Imagem do *ivafú*, que é um tambor escavado em tronco de árvore.

Já nos primeiros dias, mostrei as imagens levadas, e isto ocorreu na casa do xamã *Moreyra*, juntamente com outros membros da aldeia. A importância destas imagens encontra-se no fato de que alguns dias após a minha chegada, *Moreyra* deu início a realização de um ritual para o espírito *apykwara*, e para este ritual foram confeccionados um *ivafú* e um *javaraiká*.

¹ Tais imagens compõem o acervo da Profa. Regina Müller.

² Projeto “Documentação e Transmissão dos saberes Tradicionais dos Asuriní do Xingu” - IPHAN/MINC. 2006.

No dia 9 de Setembro, dois dias após a minha chegada, já se comentava pela aldeia que haveria o ritual. *Apebú*, que desenvolve o papel de *Wanapy*³ no ritual *maraká*, me revelou que *Moreyra* havia sonhado com o espírito *apykwara*, e que ele em breve iria em uma ilha retirar *Petymava*, uma casca de árvore que após ser amaciada e secada serve como preenchimento para os charutos que são oferecidos aos espíritos nos rituais *maraká*.

Perguntei a *Apebú* se seria possível acompanhá-lo neste trabalho. Obtendo uma resposta positiva, acompanhei-o em suas trabalhosas empreitadas para a confecção dos objetos da *tukaia*. De fato, somente fomos buscar o *Petymava* no dia 12 de Setembro. No mesmo dia em que fomos ao local em que *Apebú* extraiu o *Petymava*, ele me contou que *Moreyra* havia sonhado novamente, e que desta vez, o sonho suscitou que houvesse na *tukaia* para *apykwara* um *ivafú*. Trata-se do tambor escavado em tronco de árvore que estava na foto da *tukaia* para o espírito *arapoá* que eu lhes havia mostrado.

As fotografias levadas à aldeia haviam desencadeado um processo ritual, e o xamã sonhou justamente com os objetos das imagens, solicitando a confecção daqueles mesmos objetos para a realização do evento. Durante a preparação do espaço da *tukaia*, *Apebú* e *Moreyra* me solicitaram que filmasse o processo e a cada dia me pediam para ver as imagens e ouvir os sons registrados na filmadora. Durante minha estadia na aldeia Asuriní registrei o processo de confecção dos objetos rituais, a preparação da *tukaia* e a realização de ritos. Fiz diversos registros em áudio e vídeo, focando no processo ritual e na montagem do espaço da *tukaia*.

Tecnologias audiovisuais no ritual: conservação e transformação dos corpos

Uma atuação possível dos xamãs quando encontram-se diante deste processo de desterritorialização colocado pela presença destas novas tecnologias é inserir os equipamentos audiovisuais no ritual com a intenção de armazenar informações e perpetuar seu território cultural. Os xamãs buscam assimilar os equipamentos audiovisuais, acoplando-os em seus corpos.

³ O *Wanapy* é um papel ritual específico do *maraká*. O *wanapy* prepara o espaço, confecciona objetos e auxilia o xamã durante o ritual, além de dançar e cantar em parceria com ele.

Os novos instrumentos de memória são conduzidos para o interior do ritual conectando-se ao todo numa rede de relações, e passam a existir no interior do formato desenvolvido no processo ritual do *maraká*. Este formato, por sua vez, está mais próximo de um hipertexto. O que desejo afirmar é que tais instrumentos são inseridos numa dinâmica de realização própria do ritual, e que a operação ocorre em rede e não linearmente.

É de conhecimento público a idéia recorrente entre alguns povos indígenas de que a fotografia “rouba a alma” do corpo fotografado. Regina Müller relata em seu livro que os Asuriní do Xingu acreditavam que o gravador de áudio “rouba” *ynga*⁴ dos corpos. Estas observações nos leva a crer que os indígenas possuem uma percepção aguçada dos equipamentos de registro audiovisual, já que para eles estes equipamentos produzem efeitos consideráveis na vitalidade dos corpos, podendo preenchê-los ou esvaziá-los de certas “substâncias”.

Por outro lado, é no ritual *maraká* que os xamãs adquirem *ynga* para redistribuir para a aldeia, estabelecendo assim um dispositivo de manutenção da vitalidade coletiva. Vamos considerar, diante destas observações, que o ritual *maraká* opera como uma tecnologia pela qual os xamãs Asuriní adquirem substâncias que interferem na vitalidade dos corpos, e que os equipamentos audiovisuais concorrem com o *maraká*, podendo inclusive extrair dos corpos as substâncias necessárias para estarem vivos.

Assim, as tecnologias audiovisuais não podem ser observadas sem a percepção do fato de que elas produzem estes efeitos de “preenchimento” e “esvaziamento” dos corpos. Os equipamentos audiovisuais modificam nossa presença no mundo, interferem em nossos corpos, extraem e interceptam a subjetividade e a vitalidade de nossos corpos.

Produzindo máquinas de intervenção corpórea

Diante desta experiência na aldeia Asuriní decidi produzir uma instalação audiovisual interativa com os registros realizados, no intuito de elaborar uma tecnologia audiovisual que produza interferência nos corpos que com ela entrem em contato.

⁴ *Ynga* é uma substância relacionada a vitalidade dos corpos dos Asuriní do Xingu. O corpo perde e ganha *ynga*.

Esta máquina de intervenção corpórea é uma instalação audiovisual. Minha intenção é produzir um confronto entre as imagens e sons registrados do ritual *maraká* e o público que penetrar neste espaço. A instalação é também um dispositivo de armazenagem de informações audiovisuais referentes ao ritual *maraká*, servindo assim como um meio de registro de minha experiência em campo.

A instalação poderá ser levada a aldeia, servindo como um contraponto tecnológico à entrada de outras tecnologias. O banco de dados de imagens e sons poderá ser ampliado num trabalho conjunto com os Asuriní do Xingu, que poderão filmar seus próprios rituais, os espaços e ações que desejarem armazenar e manipular na interface da instalação.

Por outro lado, a instalação também poderá ser exibida em outros espaços expositivos, funcionando assim como uma agência que proporciona um espaço de alteridade entre diferentes culturas. Um espaço intercultural agenciado por uma tecnologia audiovisual interativa, que proporciona a manipulação em tempo real das informações.

O aspecto maquínico do ritual Asuriní nos leva a ver os corpos como os próprios suportes dos códigos sociais. Encontramos na memória dos movimentos, dos sons, do domínio tecnológico referente a confecção dos objetos rituais, das pinturas, da escuta e memorização dos mitos e rituais realizados no passado as tecnologias de conhecimento que as sociedades sem escrita e sem estado utilizam para poderem substituir o infinito por uma forma de organização. Assim, a realidade pode ser produzida e limitada, e por detrás desta questão encontra-se a própria relação entre o processo de vida e morte dos seres e coisas.

Nas sociedades pós-industriais, a memória e o conhecimento também são resultantes de uma relação que os homens possuem com suas tecnologias. Todas as máquinas audiovisuais são formas de estender a capacidade do corpo e da memória. Ao observarmos esta questão, somos levados à compreensão de que a memória humana é elástica e que para se conservar deposita na matéria do mundo informações, formatando escrituras que referem-se aos desejos coletivos. Ao criarmos objetos tecnológicos estabelecemos também novas relações com nossos próprios corpos, estamos concomitantemente recriando nossos corpos.

A linguagem é um meio de transferência, um dispositivo de troca, uma forma de traçar caminhos de relação. O homem ao interagir com o meio interfere e sofre interferências, modificando assim as possibilidades de relação. Deste modo, deposita sua energia em formações e em signos, criando caminhos e possibilidades finitas para seu meio, das quais ele mesmo deriva.

Produzindo máquinas de som e imagem os homens alteram suas percepções do tempo e do espaço. Produzindo descontinuidade, reinventam seus corpos, suas emoções e modificam seu “estar no mundo”. Criam uma mediação entre realidades distintas, que passam a ser intercambiáveis.

A instalação resultante da pesquisa com o ritual *maraká* pode ser entendida como um dispositivo de intervenção nos corpos. Sua natureza nos propõe a idéia deste jogo de transformações e identidades. Os signos gerados são apresentados como ideogramas dinâmicos. Constituem uma linguagem de signos de imagens e sons que são confrontados com os atuantes, penetrando suas memórias e desdobrando-se em novos signos.

Por ser um registro e ao mesmo tempo uma resultante do processo em que os conhecimentos e as experiências são diluídas, a instalação possui um duplo sentido: de um lado possui um aspecto de conservação da memória e da experiência; e por outro, funciona como um catalisador do processo de decomposição e reestruturação destas próprias memórias, que são postas em relação com outras experiências e, conseqüentemente, transformadas de modo que façam sentido para a relação do indivíduo com o seu meio.

Uma expansão do processo da memória, que pode ser compartilhada coletivamente através de uma interface tecnológica. Como um registro multimídia, mas ao mesmo tempo, como uma máquina feita especialmente para a decomposição da própria experiência.

Bibliografia

- GUATTARI, F. – **Caosmose: um novo paradigma estético**. Rio de Janeiro. Editora 34.
- LÉVY, P. – **As tecnologias da inteligência**. São Paulo/SP. Ed. 34. 1993.
- LEHMANN, H. - **Teatro Pós-Dramático**. São Paulo. Cosac Naify. 2007.
- MÜLLER, R. P. - **Os Asuriní do Xingu: história e arte**. Campinas. Editora da Universidade Estadual de Campinas. 1990.